

O PET visto por seu criador

Claudio de Moura Castro

Esse ensaio apresenta uma breve biografia do PET, assinada pela pessoa que o criou, quando diretor da CAPES, entre 1979 e 1982. Obviamente, a análise padece dos vieses trazidos pelas vaidades do autor. Mas, desde logo, cumpre mostrar os limites dessas vaidades, esclarecendo que o PET copiou uma invenção do Professor Ivon Leite de Magalhães Pinto da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. E como essa idéia vem da década de 50, trata-se de um programa que se aproxima do meio século.

Elite é nome feio?

Quando era estudante, havia em Belo Horizonte uma gafeira chamada Elite. Veja-se que a palavra tinha uma conotação positiva, pois até os seus modestíssimos frequentadores viam no nome uma associação positiva. Ser elite era algo cobiçado.

Mais adiante, nos anos 80, elite virou palavrão, coisa reacionária, na contramão do tolo populismo da época. Gostaria de continuar usando a palavra, por falta de outra igualmente boa. Mas sinto-me vitimado pelos miasmas que a contaminaram. Deixemos pois as batalhas semânticas para outros e abandonemos o termo.

Não obstante, em qualquer sociedade, alguns estão em posições mais próximas do topo. Como quer que os chamemos, são os que mandam, os que criam moda, os que mudam os rumos da ciência, da sociedade, da política e da economia.

Nas tribos, os caciques são escolhidos pela sua competência com a borduna. Os pagés pela seu conhecimento de farmacologia e psicoterapia. Na Somália, são chefes quem têm mais Kalashnikovs e gosto em usá-los.

Em sociedades modernas, os critérios mudaram. Agora conta a capacidade intelectual, a liderança pelo poder das idéias e a capacidade de implementação. Portanto, quanto mais moderna a sociedade, mais a qualidade de suas lideranças depende da qualidade de suas escolas.

Para os mais bem dotados - e não apenas para os mais ricos – devem ser reservadas as melhores escolas, os melhores professores e recursos diferenciados. Assim é em todos os lugares, de esquerda e de direita. Cuba e Rússia, tanto quanto Estados Unidos e Inglaterra tem escolas melhores e mais caras para os que mais se destacam. Para a melhor matéria prima, o melhor tratamento. Que me perdoem algumas alas da esquerda, mas país sério jamais fez diferente. Escolas realmente iguais para todos, só nos sonhos e devaneios de alguns.

A história não é feita por comitês, por votação, por assembleias, mas por líderes. Grandes homens mudaram a história, construíram impérios econômicos e revolucionaram a

ciência. Os líderes canalizam as energias do cidadão comum para as grandes realizações. Quando uma grande empresa está por afundar, não se nomeiam comitês mas um grande nome para salvá-las.

Dependendo das oportunidades de educar-se que oferecem, os países terão melhores ou piores líderes. Nos Estados Unidos, há o círculo aristocrático das Ivy Leagues, inicialmente criadas para “formar as elites” da Nova Inglaterra (Harvard, Yale, Princeton, Columbia etc). Depois vieram as milionárias universidades públicas, como a rede das Universidades da Califórnia.

No Japão, há as universidades de Toquio e Quioto, onde os pais começam a preparar os filhos para o vestibular desde o primário. Na Inglaterra, há Oxford e Cambridge, tradicionalmente recrutando os melhores figurantes da aristocracia. Mas cada vez mais, buscam as melhores cabeças, onde quer que estejam e mesmo que falem com sotaque “cockney”. Na França, há as universidades para o grande público. Mas há também as Grandes Écoles para preparar as lideranças públicas e privadas (ENA, Ponts et Chaussees, Polytechnique, etc).

Na Alemanha, havia maravilhosas universidades de Berlim, Munique e muitas outras. Mas com o estrago feito por Hitler, levaram muitas décadas para se recompor e ainda não atingiram os mesmos níveis e glórias do passado. A China praticamente destruiu suas universidades na Revolução Cultural. Historiadores concordam que o país perdeu com isso uma geração.

O Brasil tinha seus enclaves de qualidade

Não temos uma tradição intelectual brilhante, pelo contrário, herdamos uma péssima educação da península Ibérica. Mas tínhamos lá nossos enclaves de qualidade e a ele devemos muito do que se fez nesse país.

Pela mão do Imperador, funcionando como despachante, criamos a Escola de Minas de Ouro Preto, com o auxílio de um professor da École de Mines francesa, Jean Gorceix. Desta pequenina escola, perdida nas serras mineiras, vieram as lideranças que criaram nossa siderurgia e muito da geração de energia hidro-elétrica. Formavam-se dez ou quinze por ano, mas mudaram a cara do país pessoas como Amaro Lanari, Mario Behring, Lucas Lopes e outros.

A USP, criada em berço de ouro (ou de café), torna-se cedo um centro produtor de ciência. E vem produzindo um terço da ciência brasileira desde então. Apesar de que nem tudo é bom na USP, sem ela o Brasil seria outro e certamente muito pior em quase tudo.

O Centro Tecnológico da Aeronáutica – também conhecido como ITA – começando com um punhadinho de militares e professores americanos, dá luz à boa parte da nossa indústria eletrônica, bélica e aeronáutica. Mesmo duas escolinhas de eletrônica em Santa

Rita do Sapucaí, no meio das vacas do Sul de Minas, geram um polo de telecomunicações expressivo.

Essas escolas eram diminutas, mesmo diante de um ensino superior pequeno, da ordem de 100 a 200 mil alunos, nos anos sessenta. Sua pequenez era o preço a se pagar pelo sucesso, por ser já então muito heterogênea a clientela universitária.

Mas com a explosão da universidade pública nos anos 60/70, esses pequenos enclaves de qualidade são engolidos pela massificação. Há uma política de expansão para todos. É preciso abrir vagas, o MEC é peremptório: cresci e mutiplicai-vos. Mas a medida atinge a todos, de forma não seletiva. Incham de alunos os enclaves de qualidade. Não soubemos selecionar e proteger os grandes perfumes que estavam nos pequenos frascos. A França reservou para os melhores alunos as Grandes Écoles, os Estados Unidos as Ivy Leagues. Nós deitamos água em todos os feijões de todas as caçarolas.

Ouro Preto não resistiu à expansão. Até hoje não se recuperou do inchaço. Passou a ser mais uma escola mais ou menos.

E aí, como formar nossas lideranças? Como criar o ambiente necessário em escolas onde se misturam alunos e professores que vão do sublime ao excecável?

A escola de comércio que descobriu uma solução

O Prof Ivon Leite de Magalhães Pinto era um advogado, convertido em professor de Economia Política da Escola de Direito de Belo Horizonte. Dali foi ser um modesto diretor de escola de comércio.

De repente, a escola de comércio vira faculdade de economia e administração, sendo incorporada à jovem Universidade de Minas Gerais. Havia dinheiro a rodo. Tanto, que a Escola de Engenharia era pintada todo ano, para não perder a verba.

Para abrigar a nova faculdade, o Professor Ivon constroe um belo prédio. Mas neste momento, tem a idéia simples mas brilhante que mudou o curso da instituição.

O prédio novo tem salas para alunos e professores, uma inovação então radical. Em seguida, cria uma biblioteca exemplar, com todos os clássicos da economia e da sociologia e mais assinaturas de todos os periódicos sérios. E faz algo desconhecido na época: põe os bons professores – não eram muitos – em tempo integral.

Mais ainda, seleciona os cinco ou seis melhores em cada turma e coloca-os também em salinhas de estudos, em tempo integral, com presença rigorosamente controlada. Para tal, recebem uma bolsa modesta (por volta de um salário mínimo). Parte das bolsas são financiadas com recursos orçamentários. Mas em um gesto inovativo, consegue bolsas adicionais de empresas de Belo Horizonte.

Lamentavelmente, os professores eram péssimos. Eram os mesmos da encarnação anterior de modesta escola de peritos contadores. Como disse um professor irônico, caí-lhes uma cátedra à cabeça, como poderia haver sido uma cangalha. Mesmo os de tempo integral não sabiam quase nada de economia – que era o curso onde me havia matriculado. E sei que não era melhores em administração pública ou de empresas.

Mas o sistema de bolsas virou uma grande novidade. De fato, atrai alunos de primeira linha. Alguns chegam a sair de Ouro Preto e da Medicina da UFMG. Eu mesmo fui atraído tanto pela profissão como pela perspectiva do tempo integral.

Esse recrutamento seletivo cria uma primeira geração de auto-didatas. Os próprios alunos tomam a iniciativa de criar círculos de apoio mútuo. Lá pelo fim da década de 50, quando chegávamos no segundo ano, já sabíamos mais do que muitos professores. Descobríamos os clássicos na biblioteca e os citávamos na prova, para surpresa dos professores que jamais os haviam lido.

Quando os primeiros bolsistas se formam, o Professor Ivon os contrata como professores. Inaugura-se, neste momento, a primeira geração de professores ex-bolsistas, de cabeça moderna e necessariamente auto-didatas. Fecha-se o círculo virtuoso.

Em 1962, anuncia-se o primeiro congresso de estudantes de economia. A Faculdade organiza então um concurso para escolher as melhores monografias, cujos autores iriam ao congresso. Ganham Edmar Bacha e eu. Vamos assustadíssimos para o Recife, morrendo de medo das vacas sagradas da USP e UFRJ. Mas, de repente, nos damos conta de que os outros participantes não sabiam quase nada de economia, seus trabalhos eram improvisações de última hora e o critério de escolha puramente político. Assustavam-se com nossas críticas técnicas e melhor informadas. Os seus trabalhos eram risíveis, simplesmente grotescos para as nossas exigências técnicas. Pouco adiante, o trabalho do Edmar ganha um prêmio nacional.

Neste período, apareceram os exames para o primeiro programa de pós graduação em economia, o Centro de Aperfeiçoamento de Economistas (CAE) da Fundação Getúlio Vargas. Começamos então a notar que são aprovados quase todos os candidatos de Minas, bolsistas na sua esmagadora maioria. Descobrimos que éramos a melhor escola de economia do Brasil – pelo menos por essa medida

Mas o Professor Ivon foi atropelado pela sua própria obra. A escola que criou era maior do que ele. Seu estilo autocrático e centralizador, chegando às cinco da manhã e saindo já noite à dentro, perdeu legitimidade, diante das expectativas e exigências do grupelho que ele havia criado com o sistema de bolsas.

Deu-se então um dos espetáculos mais injustos da história da educação brasileira, foi feito o seu enterro simbólico. Diante da pressão, teve que renunciar à direção da escola. Somente muitos anos mais tarde se fez justiça à sua obra. Hoje seu nome é uma rua em Belo Horizonte.

As tentativas de replicar o modelo

Ao chegar de volta ao Brasil, após terminar meu doutorado, virei professor do primeiro mestrado de economia, o CAE que virou então EPGE, quase contemporâneo com a FIPE da USP. Comecei então a lidar com os exames de acesso à pós-graduação, patrocinados pelo que viria a se tornar a ANPEC. Novamente, vi que dos candidatos da USP, passavam um terço e dos candidatos de Minas Gerais, passavam entre 90 e 100%, quase todos bolsistas. Só havia uma conclusão, o modelo do sistema de bolsas era bom.

Dos mais antigos, da minha geração, começavam a despontar nomes que até hoje estão na primeira linha em suas áreas: Edmar Bacha, Simon Schwartzman, Bolivar Lamounier, Vilmar Faria, Paulo Haddad, Vando Borges, Amaury de Souza, Fabio Wanderley. Mais adiante vem Ricardo Santiago, Roberto Martins, Daniel Ribeiro de Oliveira, Rogerio Werneck, Dorotea Werneck, José Marcio Camargo, Eustáquio Reis. Há uma geração de diretores do BNDES e do BDMG da mesma origem. Há Secretários de Estado em Minas Gerais e em Brasília. Dali provêm as lideranças de esquerda, como Vinicius Caldeira Brant, e de direita também. Isso tudo vindo de um número total que mal ultrapassa duzentos bolsistas.

Diante de resultados tão expressivos, comecei a buscar experiências semelhantes e as encontrei nos Estados Unidos com os *honor programs*. Nas *high school* americanas são séries de disciplinas especiais, mais difíceis, em forma de seminários. Nas grandes universidades públicas, há programas segregados para os melhores alunos, tudo separado, até dormitório – como é o caso da University of Maryland. O país mais democrático do mundo acredita em elites e em privilégios para quem está disposto a pagar o preço, ao receber o dobro da carga de trabalho.

Decidi que o modelo era bom e resolvi convencer universidades do Rio de Janeiro a criar coisas parecidas. Gastei meu latim. Todos achavam a idéia ótima mas diziam que sem recursos públicos nada feito. Fracasso total, por dez anos.

Na Capes, manda o diretor

Em um ensolarado domingo de maio, saindo para a praia, recebo uma chamada do Guilherme de la Pena que havia sido nomeado diretor da SESu, na gestão do Ministro Portella que estava por inaugurar-se. Convidou-me para dirigir a CAPES. Como era o melhor pedaço do MEC e eu vivia criticando os seus dirigentes, por fazerem tudo errado ou não fazerem nada, decidi aceitar. Iria testar se era possível a uma pessoa meio idealista - sem medo de perder o emprego e com ânimo para trabalhar - fazer o que eu dizia nos meus artigos que deveria ser feito. Resolvi colocar-me na posição de recipiente ou vítima das críticas peçonhentas dos meus artigos.

Descobri que dava para fazer muita coisa. A burocracia do MEC era tão incompetente que até para se vingar das minhas heresias levou tempo. Foram quase três anos até que me demitissem.

Descobri que, para minha imensa satisfação, tinha uma equipe ótima, liderada por Hélio Barros, disposta a me seguir. Descobri também que se criasse um programinha de bolsas para meia dúzia de universidades, isso nem pesava no orçamento que incluía muitos milhares de bolsistas. Descobri, portanto, que mandar tem as suas vantagens, pois simplesmente mandei criar um programa de bolsas igual ao que havia cursado na Economia da UFMG. Dez anos de pregação não levam a nada. Como Diretor da CAPES, com um canetaço, crio um programa.

A equipe encarregada da implementação – liderada por Ângela Santanna e Marcos Formiga – inventou este nome PET - que não gostei e não gosto até hoje - mas para não magoá-los, decidi manter.

Começamos com cinco ou seis cursos. Dois foram escolhidos pela facilidade de começar. Estava Edmar Bacha na Economia da PUC/RIO e a Economia da UnB era pertinente e tinha também vários ex-bolsistas. Incluímos Direito por ser então uma área enguiçada. Também Engenharia Florestal, no Mato Grosso, por ser área nova.

Diferente do programa original de Minas, criamos a figura do tutor, em mãos de quem estaria o programa. Em Belo Horizonte, no meu tempo de estudante, sequer havia quem pudesse exercer bem esse papel.

Insisti no tempo integral, no espaço físico reservado e na flexibilidade dentro de cada PET. Ou seja, escolhidos os melhores, bastaria mantê-los o dia inteiro em um grupo de mesma índole. Esperava que a massa fermentasse e desse os resultados esperados. Partia da hipótese de que juntando um grupo de jovens brilhantes, motivados e com boas condições de trabalho, o resto iria acontecer sozinho

Esperava que se transformassem em matriz de lideranças intelectuais, em pesquisadores de primeira linha e em profissionais excepcionais. Seriam por excelência, a matéria prima dos programas de pós-graduação.

Melhorar a graduação era um produto secundário, algo que viria por si só, sem uma política explícita, como aconteceu no programa mineiro. Acreditávamos que isso seria um sub-produto inevitável, quase automático.

Crescimento, consolidação e crise no PET

Após minha saída, a CAPES manejou o PET com competência, tanto quanto pude julgar. Não tirou a liberdade de cada programa e o acompanhamento foi de longe. Alguns poucos programas falharam. A maioria viscejou e deu frutos. É isso que podemos esperar de qualquer programa

O cotidiano de gerir o PET à distância é sempre mesma a luta do cotidiano de uma agência de fomento. Imagino que houve falhas e correções. Sempre alternam burocratas criativos e burocratas controladores. Há sempre a tendência para que pequenos erros se acumulem e que se criem resistências às mudanças. Mas no todo, acho que andou

razoavelmente bem. O que não quer dizer que não requeira os concertos periódicos que toda instituição tem que sofrer.

Quando saí da CAPES, havia três programas PET, com aproximadamente 15 participantes. Em 1999, o número de programas havia crescido para 313 e o número de bolsistas para 3756. Jamais podia imaginar que o programa viesse a adquirir esse vulto.

Mas, de repente, a Capes discordou do PET.

Tentei entender a lógica recôndita dessa discrepância, sem sucesso. Parece que alguém entendeu que o programa tinha objetivos errados e, portanto, produzia resultados indesejáveis ou fora de linha de suas expectativas. Criticava-se o programa por estar apenas preparando graduados para entrar na pós-graduação. Para mim, essa era a medida do seu sucesso e não do seu fracasso. Sempre me impressionou, como dirigente da CAPES, a falta de candidatos suficientemente qualificados para fazer o doutorado no exterior.

Foi também mencionado que o programa havia deixado de ser meritocrático para se transformar em um conjunto de igrejinhas fechadas. Mas se esse era o caso e, se as regras do programa são dadas pela própria CAPES, por que não estabelecer simplesmente que o acesso deveria ser por concurso aberto?

Argumento paralelo se aplicava aos mentores do PET, cujo brilho intelectual seria duvidoso. Novamente, com a faca e o queijo concedido pela gestão do orçamento, seria igualmente fácil criar exigências acadêmicas para o tutor.

Para justificar uma cirurgia mais profunda no PET, a CAPES encomendou três avaliações. Acontece que vieram positivas, pois os avaliadores entenderam os objetivos do PET de forma muito semelhante aos que tinha desde a origem. Os avaliadores gostaram, de fato, gostaram muito.

Quando realmente a Capes decidiu acabar com o PET, descobriu, como se diz em Minas, que havia “criado cobra”. Já havia três mil jovens inteligentes, competentes, aguerridos e ligados na Internet. Daí para frente, morando no exterior, não vi muito bem como se passaram as coisas. Mas entendo que a reação dos bolsistas foi feroz e bem orquestrada.

A passagem do PET para a SESu foi um golpe sério, pois se quase nada funciona bem na SESu, o PET teria o mesmo destino. Mas o golpe mortal seria dado pela mudança de regulamento. O novo transformava o PET de um programa para formar os alunos em um programa de voluntariado para consertar alguma coisa na sociedade. Viraria um programa curto e interdisciplinar, reunindo alunos das mais variadas trajetórias e carreiras para cuidar de alguma tarefa específica. O edital de formação dos grupos PET mais parece uma licitação pública para construir um curral. Nada tem a ver com a formação de lideranças intelectuais. O programa deixaria de ser para os participantes e passaria a ser um voluntariado social.

Na hora fatal, o PET foi salvo pela mudança na chefia da SESu e pela intervenção do Deputado Walfrido Mares Guia. Nunca vi um problema ser resolvido de forma tão rápida e fácil. A nova Secretária de Ensino Superior conhecia as avaliações o PET – algumas assinadas por professores de sua universidade de origem - e gostava do programa. Em uma reunião fez uma afirmativa curta e definitiva: a proposta velha era boa, a nova não é, pois então, voltemos ao que era. A superação da crise se deveu a estas duas pessoas.

Por hora, o PET está salvo. Mas não dá para sentar e esquecer. É preciso novamente consolidá-lo. Há um trabalho á frente de refazer com cuidado as suas regras básicas de funcionamento e cuidar do seu orçamento que foi reduzido. De resto, a orçamentação do PET na SESU não está ainda assegurada.

Qual a lógica do PET?

O PET tem uma lógica simples.

Antes de tudo, não é um sistema de voluntariado visando resolver um problema social. Não é para usar os bolsistas como substituto dos professores (os bolsistas não devem virar monitores de tempo completo, essa não é a lógica do programa). Tampouco, a sua dinâmica e sua lógica podem virar uma rotina de quartel.

O PET não é um instrumento de equidade, de benemerência ou de justiça social. É concebido para ser a meritocracia mais pura e rude. Ou é bom- e sua sangue - ou está fora.

Há outros programas parecidos cujos objetivos centrais são sociais e de equidade e, deveria haver ainda mais. Não obstante, no sistema educativo brasileiro, os ganhos em equidade terão que vir sobretudo ao melhorar a escola básica.

O PET é outra coisa. Obviamente, espera-se que os seus graduados, quando se tornarem profissionais importantes, preocupem-se muito com equidade. Mas no PET, trata-se de *buscar os melhores candidatos e oferecer-lhe as melhores condições de crescimento intelectual.*

O PET é para formar as pessoas que vão mudar o Brasil. Nada menos do que isso. Já que não é possível criar Oxfords, com meia dúzia de alunos, o PET deve ser um enclave de superqualidade dentro de universidades de massa.

Podemos pensar no seu papel de reforçar áreas problemáticas. Mas no nível individual, é a meritocracia pura.

Obviamente, os valores das bolsas podem variar. Pode até haver PET sem bolsa. A remuneração dos tutores é outro assunto pendente. *Mas o critério de escolha e permanência tem que ser brutalmente meritocrático.*

Os princípios são simples:

- *Tutores inspirados e inspiradores*
- *Controle do tempo*, afim de não precisar controlar muito as atividades específicas
- *Espaço físico suficiente e adequado* para os alunos, fator importante para promover a integração do grupo
- Criação de um *espírito de solidariedade e competição acadêmica*, valorizando o esforço e a vida intelectual.
- *Seleção meritocrática dos candidatos e grupos*, com eliminação impiedosa dos grupos onde não se desenvolver o espírito acadêmico, da inquirição, do rigor, da dúvida sistemática e da dedicação total à vida acadêmica
- *O PET não é para todo mundo*. Não foi pensado e não funciona como uma solução para todos os problemas da educação e não é o único caminho para o êxito profissional. O programa exige uma orientação acadêmica muito especial
- Mas dos selecionado para fazer parte do programa, *há que ser exigente, há que apertar até o limite*. São privilegiados e têm que pagar o preço na forma de um esforço bem acima da média
- Justifica-se uma política firme de fazer com que o crescimento intelectual e institucional dos grupos PET resulte em benefícios para o curso como um todo. Mas, não se pode perder de vista que *os maiores benefícios resultam da excelência do clima intelectual criado*, muito mais do que de medidas administrativas

Dadas essas regras, o PET deve funcionar. *Os grupos que não funcionarem, que sejam eliminados*. Não é necessário mais do que isso. A premissa básica é que dadas estas condições, o resto vem sozinho, sem maior esforço e sem muita tutela.

Como avaliar o seu êxito?

Os critérios para decidir quem está se saindo bem são razoavelmente simples e sem maiores inovações:

- Provão
- Entrada nos melhores cursos de pós-graduação
- Impacto sobre a graduação
- Prêmios, publicações e outras distinções
- Avaliação qualitativa da dinâmica dos grupos e de seu impacto sobre a graduação

Caberá ao MEC criar mecanismos de monitorar o funcionamento de cada grupo. O papel dos decanatos de graduação em compartilhar esta tarefa está por ser melhor explorado.

Conclusão: os participantes do PET adquirem uma dívida social

O PET são os seus participantes. Não espero pouco deles e tenho confiança no modelo. Mas não podemos esquecer, os seus participantes são um bando de privilegiados. Têm o

melhor que o país tem a oferecer. Portanto, têm obrigação moral de devolver ao país o que receberam, exercendo responsavelmente a liderança a que estão destinados.